

Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais “desmapeados”, filhos desamparados*

Bianca Bergamo de Andrade Savietto

438

Este artigo pretende explorar significativo aspecto da clínica psicanalítica atual: o incremento do fenômeno das passagens ao ato entre os sujeitos adolescentes. O foco principal desta análise é a confluência desta problemática com certos traços da organização familiar contemporânea. Este estudo serve de base para uma reflexão sobre a situação de desamparo própria à adolescência. A noção de transmissão psíquica vem articular os principais elementos envolvidos na questão central que orienta este trabalho.

Palavras-chave: Passagem ao ato, adolescência, desamparo, família

* Este artigo, premiado com “Menção Honrosa” no Concurso Pierre Fédida de Ensaio Inéditos de Psicopatologia Fundamental no II Congresso Internacional e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental (Belém, PA, setembro de 2006), foi extraído de minha dissertação de Mestrado em Teoria Psicanalítica “*Adolescência: ato e atualidade*”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em janeiro de 2006. Minha pesquisa conta com o inestimável apoio da CAPES. Agradecimentos: A Marta Rezende Cardoso, minha orientadora, pelo incentivo à elaboração deste trabalho e pela constante aposta no meu êxito; ao Pedro Henrique Bernardes Rondon, atencioso revisor, que vem acompanhando com expressivo entusiasmo o meu percurso.

Introdução

Na clínica psicanalítica atual, deparamo-nos constantemente com significativa incidência das chamadas “novas patologias”. A frequência do encontro clínico com estes estados-limite vem fomentando reflexões sobre os limites de nossa prática e de nossos referenciais teóricos, assim como sobre certas situações-limite presentes na cultura ocidental contemporânea, e obrigando a repensar e recriar a teoria psicanalítica e sua clínica.

É notável a forma com que as “novas” manifestações psicopatológicas podem ser observadas entre os adolescentes da atualidade, que expressam seu sofrimento privilegiadamente por meio do registro do ato, da convocação do corpo, o que supõe precariedade dos mecanismos de simbolização. Estes sujeitos, de maneira insistente e preocupante, recorrem às passagens ao ato – modo peculiar de defesa que envolve, dentre outros aspectos, exatamente um curto-circuito do trabalho de elaboração psíquica e a convocação do registro corporal. Foi a maciça recorrência dos adolescentes dos dias de hoje a esta forma rudimentar de resposta que instigou a elaboração do presente trabalho.

Creemos ser significativa a nossa temática devido não apenas à alarmante difusão do apelo às passagens ao ato entre os adolescentes das sociedades ocidentais contemporâneas, mas fundamentalmente ao fato de tratar-se de uma problemática que envolve em sua base uma dimensão de violência psíquica. Esta violência, de caráter interno, é expressa por meio de comportamentos violentos voltados para si próprio e também contra o outro.

Pode-se observar que não estamos voltados para uma adolescência atemporal, e sim para a adolescência que habita o contexto cultural e familiar da atualidade, uma vez que é entre os adolescentes inseridos neste contexto que a problemática das atuações dramáticas vem ganhando largo espaço. Isto significa que na investigação acerca do incremento do fenômeno das passagens ao ato entre os adolescentes da contemporaneidade, o plano psicopatológico não pode prescindir da análise de características próprias à cultura e à família das sociedades

ocidentais contemporâneas – onde vigoram a violência, a insegurança e o atravessamento de uma dimensão traumática, dimensão sempre presente na ocasião da adolescência.

Adolescência e passagem ao ato

A própria adolescência pode ser entendida como uma situação-limite, isto é, como problemática essencialmente relacionada à questão dos limites. Isto porque representa o momento de passagem da vida infantil para a vida adulta, situando-se na fronteira entre ambas; representa também o momento em que novos aspectos pulsionais emergem, modificando a dinâmica psíquica e colocando em xeque a relação do sujeito com a alteridade interna (relação entre os espaços intrapsíquicos) e com a externa (relação entre os espaços intersubjetivos). Trata-se de um momento da vida potencialmente traumático, marcado pela presença de violência interna, pulsional (Cardoso, 2001).

O fenômeno das passagens ao ato, assim como os estados-limite de uma forma geral, também aponta para a dimensão do traumático, para o campo do irrepresentável, para uma violência psíquica radical. Este fenômeno pode ser observado com destaque em muitas das manifestações psicopatológicas que fazem parte do grupo das “novas patologias”, uma vez que nelas costuma estar em jogo este modo peculiar de atuação. As “novas” configurações psicopatológicas, por serem regidas por uma “economia do trauma” que põe em risco a integridade do psiquismo, são caracterizadas – dentre outros aspectos – por uma tendência do aparelho psíquico a responder ao excesso de excitação por meio da compulsiva repetição de algum tipo de ação, numa tentativa de manter seu equilíbrio.

A compulsão à repetição possui, portanto, estreita relação com as passagens ao ato, as quais representam uma tentativa de contenção do excesso pulsional sem que se efetive um trabalho de elaboração. Há curto-circuito do processamento psíquico, de modo que o psiquismo passa diretamente do impulso à ação. Assim, por não alcançar simbolização nas passagens ao ato, o excesso pulsional persiste, e o aparelho psíquico repete compulsivamente a tentativa de dominação fadada ao insucesso.

O breve exame de algumas das “novas patologias” nos permite realmente observar nelas o envolvimento desse aspecto da questão: nos transtornos alimentares, em que o sujeito consome a comida de maneira continuada e compulsiva; na anorexia nervosa, na qual o sujeito recusa a comida de forma sistemática; nas drogadicções, em que abusiva e compulsivamente o sujeito utiliza

substâncias tóxicas; nas demais adicções, que sempre se expressam pelo apego compulsivo ao objeto.

Diversos autores vêm se dedicando ao estudo destas patologias e alguns têm mesmo indicado o perigo de disseminação endêmica das “novas” patologias, nas quais as passagens ao ato são reiteradamente levadas a cabo. Isto revela a preocupação quanto ao estabelecimento permanente e à ocorrência constante das “novas” psicopatologias nas sociedades ocidentais contemporâneas. Dentre os inúmeros porquês dessa inquietante difusão, costuma-se apontar para a intensificação da experiência de desamparo no presente contexto sociocultural destas sociedades. Se Freud, ao escrever o trabalho “O mal-estar na civilização” (1930) encontrava-se inserido numa cultura fortemente restritiva que se opunha à satisfação das pulsões sexuais e agressivas, nós, cidadãos das sociedades ocidentais da contemporaneidade, encontramos-nos inseridos numa cultura na qual a liberdade individual assume valor máximo e o prazer é especialmente consagrado. Trata-se de uma cultura que privilegia a satisfação imediata, na qual os indivíduos buscam incessantemente suprimir a dor, o que incita a saídas de caráter imediatista e absoluto como o recurso às passagens ao ato.

A revivência do desamparo constitui experiência típica da adolescência, ligada à violência interna excessiva engendrada pelas mudanças pubertárias e pelo conseqüente surgimento de uma nova pulsionalidade. É árdua a tarefa do adolescente de “passar além” desta revivência e, para cumpri-la, ele precisa elaborar a violência interna – violência pulsional excessiva e apassivadora, que *transgride* o território egóico e que está na base das passagens ao ato. Porém, afirmamos acima que a experiência de desamparo vem sendo intensificada pelo contexto sócio-cultural da atualidade. Isso dificulta a superação da revivência desta experiência na adolescência, e contribui para a recorrência crescente dos adolescentes a formas elementares de defesa. Cabe, neste ponto, analisarmos algumas características próprias ao âmbito cultural da atualidade que exacerbam a vivência de desamparo, e concorrem para a cristalização da revivência desta experiência na adolescência.

O desamparo no meio cultural contemporâneo

Muitos autores referem-se à atualidade como *pós-modernidade*, termo que indica convicção num rompimento radical com o projeto da modernidade. Esta convicção, porém, não é unânime, e alguns acreditam que a atualidade representa apenas uma nova etapa da modernidade (Birman, 2000). Zygmunt Bauman e Marisa Schargel Maia, importantes referências de nosso trabalho, acentuam a

questão da ruptura e empregam o termo *pós-modernidade* ao se referirem à atualidade.

Tendo como foco o momento atual da sociedade ocidental, Bauman (2001) utiliza a metáfora da “fluidez”, ou “liquidez”:¹ enquanto os sólidos têm forma nítida, mantida com facilidade, os fluidos não apresentam dimensões espaciais rígidas, sendo propensos a mudanças. Segundo o autor, na modernidade teve lugar um processo de liquefação, de derretimento dos sólidos estabelecidos, no sentido de um rompimento com o passado e a tradição. Bauman ressalta que este derretimento não deveria eliminar os sólidos de uma vez por todas, e sim abrir espaço para “novos e aperfeiçoados sólidos” dignos de confiança, que pudessem tornar o mundo previsível e administrável. Porém, a substituição dos antigos sólidos por novos com alguma “solidez duradoura” jamais se concretizou. Pode-se dizer que nesse processo de derretimento, instituições tradicionais como o Estado e a Família, assim como padrões e configurações institucionalizados “liquefizeram-se”, adquirindo caráter fluido, instável, volúvel, com forte tendência, portanto, à mutabilidade.

De acordo com Maia (2004), tudo aquilo que se encontrava fora da ordem era considerado “sujeira” na modernidade. Entretanto, na atualidade, a situação parece se inverter: o sujeito é coagido a se desprender da garantia de estabilidade proporcionada pela ordem. Precisa entrar no mercado de consumo, e para isso deve abrir mão de sua própria história e se converter à contingência e à flexibilidade.

As idéias contidas na obra de Maia estão em consonância com aquelas antes expostas, trazidas do trabalho de Bauman. Isto porque, a partir dos elementos apresentados pela autora, podemos inferir que na pós-modernidade exige-se do sujeito uma liquefação de sua história, composta por suas identificações e seus ideais. Ou seja, assim como as instituições, os padrões e as configurações, as pessoas também têm de ter a volubilidade como característica, conservando de maneira permanente uma abertura às mudanças e lidando, deste modo, com a vigência da imprevisibilidade em todos os registros abarcados por suas existências.

Segundo Maia, na modernidade as instituições, por serem estáveis, eram capazes de oferecer sustentação aos projetos subjetivos. Todavia, Bauman assevera que as instituições tradicionais da modernidade foram atingidas pelo processo de liquefação; este processo, que visava derreter o já estabelecido para substituí-lo de maneira aperfeiçoada, foi malsucedido. Esta consideração do autor

1. As idéias de Bauman (2001) sobre o processo de liquefação ocorrido na modernidade também foram apreciadas em nosso artigo “A drogadicção na adolescência contemporânea”, submetido ao processo de avaliação da Revista *Interações* em maio de 2005 (ainda sem parecer).

auxilia a compreensão da elaboração de Maia sobre a perda da possibilidade de os sujeitos apoiarem seus projetos nas instituições, hoje fluidas e instáveis. Maia afirma, enfaticamente, que “não existem mais garantias” na pós-modernidade.

Outro aspecto da contemporaneidade considerado marcante por ela é a exigência de que os indivíduos anulem o tempo passado e o tempo futuro, mantendo-se no tempo presente. Este seria o tempo do instantâneo, do imediato, vindo pôr em xeque a ilusão subjetiva de continuidade. Sabemos que o narcisismo é responsável pela garantia do sentimento de si, pela construção da certeza (ilusória) de continuidade. Tendo em vista a questão do narcisismo, Maia denomina de patologias narcísicas aquelas engendradas pelo encontro do sujeito com um ambiente em que o fluxo de sua vida corre perigo. A dor então experimentada pelo sujeito atinge intensidade que invade o psiquismo, e para remediá-la o aparelho psíquico passa a necessitar de recursos designados pela autora como urgentes. Quando se sente invadido por uma intensidade excessiva, o sujeito é remetido a uma vivência de desamparo, e as passagens ao ato representam possíveis respostas a essa vivência transbordante e apassivadora, recursos urgentes possivelmente utilizáveis pelo psiquismo para remediar uma dor intensa.

Julgamos ser possível notar que as características próprias ao meio cultural da atualidade exacerbam a vivência de desamparo. Esta experiência, revivida na adolescência como parte do próprio processo de “adolescer”, parece cristalizar-se no atual contexto macro-social. Desta forma, assistimos a adolescentes aprisionados numa situação dolorosa que os impulsiona a apelar, de forma reiterada, a recursos urgentes como as passagens ao ato.

A cristalização da revivência do desamparo na adolescência e o incremento do apelo às passagens ao ato não estão ligados apenas a aspectos próprios à dimensão da cultura contemporânea. Estas problemáticas são extremamente complexas e abordáveis por múltiplos ângulos. Sem a pretensão de esgotar a discussão, deslocaremos nosso foco para a análise de algumas características concernentes ao espaço íntimo da família atual, espaço no qual a desproteção vivenciada na esfera cultural mais ampla vem se reproduzindo.

O desamparo no meio familiar contemporâneo

Elisabeth Roudinesco (2003) afirma que uma nova família começou a se configurar a partir da década de 1960; uma família na qual a questão da hierarquia não se coloca, uma vez que o poder encontra-se descentralizado. A autora considera esta família, que historicamente podemos designar contemporânea,

semelhante a uma “tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado” (p. 155).

A questão da hierarquia na família contemporânea é contemplada com especial relevo por Sérvulo A. Figueira (1987),² que contrapõe algumas características marcantes desta família – que denomina como igualitária porque regulada pela ideologia do igualitarismo – àquelas presentes no modelo familiar tradicional. O autor diz que, a partir da década de 1960, a família tradicional – ou hierárquica, conforme sua denominação – perdeu espaço diante da nova família igualitária.

Na família hierárquica os indivíduos eram definidos com base em sua posição, sexo e idade. Nela vigoravam numerosas idéias sobre o “certo” e o “errado”. Existia, portanto, uma relativa organização neste modelo familiar tradicional, um “mapeamento”. Homem e mulher percebiam-se como “intrinsecamente diferentes”, agindo de acordo com o que era tido como adequado a cada sexo; pais e filhos também se relacionavam ancorados na idéia da existência de “diferenças intrínsecas”. Diante disto, Figueira define a identidade na família hierárquica como “posicional”.

Em relação à questão da identidade na família contemporânea, o autor sustenta que:

... homem e mulher se percebem como diferentes pessoal e idiossincraticamente, mas como iguais porque indivíduos. As diferenças pessoais subordinam (e são percebidas como mais importantes que) as diferenças sexuais, etárias e posicionais. Os sinais estereotipados da diferença homem/mulher tendem a desaparecer, se confundir ou se multiplicar, e os marcadores visíveis da diferença tendem, na medida do possível, a ser expressões do gosto pessoal. As noções bem delineadas de “certo” e “errado” perdem suas fronteiras, a noção de desvio de comportamento, pensamento ou desejo perde a clareza, e instaura-se, aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que só são limitadas pelo respeito à individualidade do outro. (p. 16-7)

Entendemos que as idéias desenvolvidas por Anthony Giddens (1973) estão em conformidade com a afirmação – proposta por Figueira – do igualitarismo como ideologia norteadora das relações de parentesco na família contemporânea, família não hierarquizada cujos membros percebem-se como iguais porque indivíduos, e na qual as escolhas são limitadas apenas pelo

2. Alguns aspectos da análise desenvolvida por Sérvulo A. Figueira (1987) acerca das transformações sucedidas no meio familiar e das características da família contemporânea também foram abordados em nosso artigo “A drogadicção na adolescência contemporânea” – submetido ao processo de avaliação da Revista Interações em maio de 2005 (ainda sem parecer).

respeito à individualidade alheia. Isto porque Giddens contempla a noção de democracia política, que pretende garantir liberdade e igualdade nas relações entre os indivíduos, para desenvolver a hipótese de que “a democratização da esfera privada está atualmente (...) na ordem do dia (...)” (p. 201).

Retomando a metáfora da fluidez elaborada por Bauman (2001), compreendemos que a solidez das posições ocupadas pelos membros da família individualmente, isto é, sua firmeza e estabilidade, também foi afetada pelo processo de derretimento, de liquefação. Deste modo, tanto na esfera da vida pública quanto na da vida privada, o sujeito contemporâneo depara-se com a ausência de autoridades rígidas, de regras e referenciais estáveis, encontrando-se, então, imerso num contexto onde nada mais está “dado”, e no qual é convocado a construir suas próprias referências, a elaborar as normas que regulam sua existência.

Será que a família contemporânea, na qual as posições também são “líquidas”, vem sustentando o que Piera Aulagnier concebe como “contrato narcisista” (Aulagnier, 1975)? Em linhas gerais, este “contrato” diz respeito à obrigação individual de investimento no próprio ciclo geracional (*tour générationnel*) e à reciprocidade ao investimento do indivíduo por parte do grupo no qual está inserido, e que sustenta para ele um lugar. Michelle Cadoret (2003), ao se referir às instituições na atualidade, assinala que elas já não sustentam mais o “contrato narcisista”. Pensamos que na família contemporânea – cujas características começam a se evidenciar a partir da década de 1960 – existe dificuldade de sustentação do “contrato narcisista”, uma vez que nela os papéis não são mais rigidamente definidos: a família não assegura mais um lugar específico para os seus membros.

Hugo Mayer (1997) assevera que a ambigüidade do lugar ocupado por homens e mulheres como pais na atualidade é geradora de crise na instituição familiar. Ele considera, portanto, que a família atual está em crise, e remete essa situação crítica precisamente à falta de estabilidade e à incerteza que estão em jogo no desempenho dos papéis dos membros da família contemporânea.

Ainda de acordo com as idéias desenvolvidas por Mayer, tanto o homem quanto a mulher puseram o espaço da casa em segundo plano. A mulher, que antes possuía o domínio exclusivo da vida familiar, lançou-se numa busca de reconhecimento e poder nos demais espaços sociais. O homem, por mais que se “maternalize”, não tem como substituir as funções maternas de forma apropriada e integral.

De acordo com o autor, na família dos dias de hoje, os filhos acham-se, portanto, “afetivamente órfãos, sem uma figura de pai forte, respeitável, que proteja, e sem a sustentação de uma mãe terna, tolerante”. Estes filhos estão “à deriva, sofrendo traumáticamente o impacto das contradições sociais” (p. 86,

tradução nossa). Crê o autor que na atual ausência de um grupo familiar que possa mediar e processar adequadamente estas contradições sociais, intensificam-se fenômenos subjetivos como a sobre-excitação e a compulsão à repetição.

A imagem acima exposta dos filhos “à deriva” no grupo familiar dos dias atuais (ibid.) nos remete, enfim, à questão do desamparo. Ao introduzirmos questões relativas à família, a nossa proposta foi exatamente relacionar a problemática da cristalização da revivência do desamparo na adolescência a características particulares à configuração familiar atual. O enfraquecimento das referências parentais “gerou, mais que uma sensação de liberdade, um profundo sentimento de desamparo” (p. 87). Ademais, Mayer parece se incluir, como nós, entre aqueles que consideram que o recurso às passagens ao ato vem se tornando cada vez mais freqüente na atualidade; isto pode ser percebido quando ele salienta que fenômenos subjetivos como a sobre-excitação e a compulsão à repetição são agravados nesse grupo familiar contemporâneo no qual os filhos encontram-se perdidos, sem rumo – desamparados.

Além desta reflexão acerca da questão da atomização do poder na família contemporânea, avaliamos ser importante aprofundar a idéia da existência de conflitante sobreposição de mapas ordenadores no cenário familiar da atualidade. Tal idéia já foi tangenciada quando utilizamos a citação de Figueira (1987) que se refere a uma aparente instauração do reino da pluralidade de escolhas no interior da família.

De acordo com esse autor, a velocidade acelerada do processo de modernização da família acabou por resultar na aquisição de novos ideais e identidades que não vieram exatamente alterar os antigos, mas se sobrepujaram a eles. Diante disto, sustentamos com Figueira que, apesar de ser possível que se afirme a prevalência, nos dias de hoje, do modelo familiar igualitário – o modelo hierárquico de família vem certamente se tornando cada vez mais incomum – não se pode sustentar que a família hierárquica tradicional tenha sido radicalmente extinta. A existência de novos ideais e identidades na família contemporânea não exclui a permanência de traços próprios à família hierárquica tradicional.

Para descrever a presença simultânea de mapas distintos e contraditórios, Figueira lança mão do termo “desmapeamento” (p. 22). O “desmapeamento” gera desorientação e conflito, além do doloroso aparecimento da indagação “quem sou eu?”. Pensamos poder supor que a desorientação e o conflito produzidos pelo “desmapeamento” correspondem à vivência de uma situação de desamparo.

A revivência do desamparo na adolescência está invariavelmente ligada à questão “quem sou eu?”. Entendemos que o “desmapeamento” existente na família contemporânea – predominantemente igualitária, mas ainda com resquícios tradicionalistas – radicaliza a revivência do desamparo na adolescência ao acirrar

o sofrimento engendrado por tal indagação. O “eu” adolescente, ao se sentir possuído pelas mudanças pubertárias, dominado pelo surgimento de uma nova pulsionalidade engendrada por estas mudanças, tende a responder por meio de atuações que são “simples descarga de evacuação” (Mayer, 2001, p. 92).

O agravamento da revivência do desamparo no espaço da família contemporânea representa, portanto, um expressivo impacto das transformações ocorridas no cenário familiar para a geração dos adolescentes da atualidade. Também é possível observarmos importantes efeitos dessas transformações para nossos adolescentes por meio da análise da ação que essas modificações podem ter exercido sobre os seus pais. É a noção de “desmapeamento” que nos possibilita explorar esta via de reflexão.

Os pais de nossos adolescentes: jovens “desmapeados”

Apesar de os valores característicos da família hierárquica ainda hoje se encontrarem mesclados aos da família igualitária, são os últimos que, sem dúvida, sobressaem. Entretanto, é possível concebermos um período em que o novo e o antigo – ou, nas palavras de Figueira, o “moderno” e o “arcaico” – conviviam em pé de igualdade, um período que pode ser considerado auge da transição (e da sobreposição) entre dois estados distintos de costumes familiares.

Figueira (1987) e Roudinesco (2003) localizam a irrupção dos novos valores relacionados à família a partir da década de 1960. Considerando a velocidade do processo de modernização da família, indicada por Figueira, podemos supor que esse contexto de mistura profunda entre o “moderno” e o “arcaico” estaria instalado, fundamentalmente, na década de 1970. Nessa, os pais dos adolescentes de hoje eram, eles próprios, adolescentes e vivenciaram, portanto, um embate entre os princípios, a educação e a formação transmitidos por seus pais e os novos e antagônicos valores que a sociedade também passou a veicular como norteadores e desejáveis.

Gilberto Velho (1998) dedicou-se a um estudo antropológico sobre a noção de desvio nas camadas médias urbanas e observou, durante dois anos, na década de 1970, dois grupos de pessoas que utilizavam tóxicos regularmente. Nas análises de ambos os grupos (o primeiro, de “jovens adultos”; e o segundo, de sujeitos “entre 13, 14 e vinte e poucos anos”), Velho destaca a questão da contestação e da crítica desses indivíduos às suas famílias.³ Ele chama a atenção dos leitores

3. No filme “Os sonhadores”, de Bernardo Bertolucci, lançado no Brasil no ano de 2004, e ambientado em Paris, no final da década de 1960, um dos personagens – Theo, um jovem adulto

para a situação paradoxal vivenciada por esses sujeitos, que rejeitavam as escalas de valores de suas famílias de origem, mas também se identificavam com elas em importantes aspectos como, aliás, não poderia deixar de ser.

Esse mesmo autor, em outra obra, também escreve sobre a rejeição dos filhos – jovens entre 12 e 25 anos na primeira metade da década de 1970 – aos valores paternos, por meio de atos e palavras. Velho explica que os pais desses jovens possuíam um projeto bastante visível, ao qual esperavam que seus filhos dessem continuidade. Esses pais, por sua vez, também tinham se afastado do projeto de suas famílias; porém, esse afastamento havia sido legitimado por elas. No caso dos jovens da década de 1970, o rompimento com o projeto parental não foi aceito; além disso, os pais repudiavam a nova opção existencial desses jovens, descrita pelo autor como “opção existencial lúdico-hedonista” (Velho, 2004a, p. 76).

Desta forma, cremos que a ruptura efetivada pelos jovens da década de 1970 em relação ao projeto parental pode ser considerada radical. Essa radicalidade está articulada não apenas à falta de legitimação do projeto desses jovens por parte de suas famílias, mas também ao repúdio parental quanto ao seu projeto.

Vejam os que paradoxo: os pais desses jovens eram altamente controladores, extremamente exigentes e fortemente desejosos de que seus projetos fossem continuados por seus filhos. Contudo, no modelo familiar que começa a ser valorizado pela sociedade – modelo igualitário, democrático – as figuras parentais não devem ser controladoras, e sim tolerantes, aceitando a diferença, respeitando as escolhas de seus filhos, provendo um ambiente marcado pela liberdade. Ou seja, é nítida – e fundamental em nossa análise – a contradição entre os pais que esses jovens tiveram e os pais que deveriam vir a ser.

Velho afirma ainda que “o conflito entre projetos pode levar a situações de *drama social*” (p. 108). Pensamos que o conflito entre o projeto dos jovens da década de 1970 e o de seus pais, dada a sua radicalidade, levou a uma situação de “drama social”.

Na introdução de uma de suas coletâneas, Velho (2003a) retoma algumas idéias desenvolvidas em sua tese de doutoramento (transformada no livro *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* [1998]); afirma que os jovens entrevistados em sua pesquisa associaram as mudanças nas quais estavam envolvidos às idéias de crise, processo conflituoso e processo dramático. Supomos, realmente, que esses jovens participaram de transformações – estamos procurando realçar as do modelo familiar no qual foram criados, em relação ao

francês – profere uma fala extremamente ilustrativa neste sentido, a respeito de como lidar com pais: “Não basta ignorá-los. Eles deveriam ser presos e julgados. Obrigados a confessar seus crimes. Devem ser enviados ao campo para auto-crítica e reeducação”.

modelo que a sociedade os convocou a tomar como nova referência – engendradoras de possíveis crises subjetivas e possíveis processos subjetivos conflituosos e dramáticos. Será possível designarmos essas crises e esses processos como traumáticos?

O traumático e sua transmissão: duas gerações de adolescentes

De acordo com Maia, podemos vislumbrar como possível efeito da violenta ruptura entre o ideário da modernidade e o da pós-modernidade – neste momento, estamos atentos especialmente à severa ruptura entre os ideários relacionados à família – “um processo desestabilizador, por assim dizer traumático, das construções subjetivas” (2004, p. 71-2).

Velho menciona, exatamente, que os choques culturais podem produzir conflitos e impasses não só no registro intergrupar, mas também numa dimensão interna individual. As “experiências contraditórias podem levar a situações críticas na elaboração e manutenção de identidade” (2003b, p. 119). Presumimos que essa ameaça que está em jogo nas experiências contraditórias é agravada quando o sujeito está passando pela dura etapa da adolescência – etapa de remanejamento do referencial identificatório, de tensão entre dependência e autonomia, de incerteza identitária.

Jacqueline Palmade (2001) considera que a ruptura, a instabilidade e o paradoxo possuem significação de insegurança existencial, de perda de sentido. Vimos analisando a presença radical de aspectos como a ruptura, a instabilidade e o paradoxo no contexto familiar vivenciado pelos jovens da década de 1970. Consideramos a experiência de insegurança existencial e de perda de sentido – ligada à participação marcante dos aspectos citados na vivência dos jovens da década de 1970 – como uma experiência traumática. Afinal, uma experiência traumática corresponde a uma situação que excede a capacidade de simbolização, uma situação à qual não é possível atribuir um sentido.

Segundo Palmade, a ocorrência de contradições entre as identificações psicoafetivas (identificações afetivas com os pais) e as identificações sociais fragiliza as bases identitárias. Conforme desenvolvemos, a geração de adolescentes da década de 1970 experienciou profunda contradição entre essas identificações. Essa experiência parece ter fragilizado as bases identitárias de muitos desses adolescentes – bases já frágeis no decorrer da passagem pela adolescência.

Jean Claude Rouchy (2001) elabora uma reflexão acerca da questão das identificações. Ao analisar o exemplo das migrações para refletir sobre esta

questão, propõe como traumática a perda da base cultural partilhada na família que está em jogo nas migrações, devido ao choque de culturas. Acrescenta ainda que não se fala freqüentemente sobre este trauma na família, o que impossibilita sua elaboração, provocando, assim, efeitos na geração seguinte. Apesar de não estarmos lidando com a questão das migrações, estamos considerando a hipótese da ocorrência de um choque entre os valores transmitidos pela família dos jovens da década de 1970 e os novos valores relacionados à família, difundidos pela sociedade. Estamos, portanto, trabalhando com a hipótese de uma significativa perda, por parte desses jovens, da base cultural partilhada em sua família; perda que, para muitos, pode ter se constituído como traumática.

Diante dos elementos discutidos, presumimos a existência de uma possível dificuldade – num sentido fundamentalmente intrapsíquico, com toda a complexidade que representa – destes jovens (os que tiveram suas bases identitárias fragilizadas por uma vivência de profundas contradições, de choque entre valores divergentes, e que experienciaram esta vivência de maneira traumática), ao se tornarem pais, quanto a oferecer adequado suporte narcísico na ocasião da adolescência de seus filhos, isto é, quanto a sustentar o processo de consolidação da identidade dos filhos.

Palmade (2001) evidencia a tendência dos pais da atualidade a se comportarem como adolescentes ante a adolescência de seus filhos. Acreditamos que isto se deva à revivência, por parte dos pais, de sua própria adolescência, e apostamos num caráter particularmente problemático da adolescência dos pais dos adolescentes dos dias de hoje. Pensamos, nesta altura, ter conseguido desenvolver a investigação que justifica nossa aposta.

A vivência, por parte dos pais dos atuais adolescentes, de profunda desestabilização em sua juventude, parece ter provocado em muitos desses sujeitos um processo interno/externo de desorientação com importantes implicações na assunção de seu papel parental. Desta forma, na ocasião da adolescência de seus filhos, eles parecem estar revivendo, do ponto de vista essencialmente inconsciente, o desnorteamento típico de sua própria adolescência, o que se constitui como um empecilho aos processos de subjetivação dos adolescentes da contemporaneidade. Estes últimos, “entrevados” em seus processos subjetivantes, inclinam-se a lançar mão das passagens ao ato com considerável freqüência.

A tarefa de “ser pai”/“ser mãe” vem se revelando especialmente árdua para a geração de adolescentes da década de 1970. No plano fenomenológico, isto pode ser observado por meio da manifestação de um comportamento de certa forma também adolescente, por exemplo. Além da dificuldade da afirmação subjetiva de uma posição adulta, esta situação “fronteiriça” envolve uma dinâmica singular no que diz respeito à relação eu/outro, relação com a “diferença” que habita, em primeiro lugar, o espaço intrapsíquico.

Em nossa opinião, o entrave aos processos de subjetivação dos adolescentes da atualidade também está relacionado à transmissão inconsciente dos elementos traumáticos parentais não-elaborados. Isto significa que a vivência desestabilizadora dos pais dos nossos adolescentes pode ter engendrado elementos traumáticos não-elaborados que, apesar de pertencentes à história psíquica desses pais, possuem importante papel na história filial, isto é, na história dos adolescentes da contemporaneidade, na qual as passagens ao ato vêm assumindo um lugar significativo. Neste sentido, Cadoret (2003) sustenta que “os traços que permanecem sem elaboração, os acontecimentos não simbolizados são levados às gerações seguintes (...), um sofrimento narcísico parental vindo constituir obstáculo ao processo de subjetivação da geração seguinte” (p. 176, tradução nossa).

A história psíquica parental parece ser, portanto, extremamente relevante no que diz respeito ao incremento da recorrência às passagens ao ato por parte dos adolescentes da contemporaneidade, merecendo destaque entre os diversos elementos que participam deste incremento. Apesar disto, julgamos que este aspecto da questão não vem sendo destacado na literatura concernente a esta discussão e pretendemos dar continuidade à nossa pesquisa, buscando contribuir para o aprofundamento da compreensão acerca do fenômeno das passagens ao ato na adolescência contemporânea, e iluminar ainda mais a via de análise enfocada, dando-lhe visibilidade teórica e clínica.

Referências

- AULAGNIER, P. *La violence de l'interprétation*. De l'énoncé au pictogramme. Paris: PUF, 1975.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BIRMAN, J. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: HERZOG, R. (org.). *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CADORET, M. *Le paradigme adolescent: approche psychanalytique et anthropologique*. Paris: Dunod, 2003.
- CARDOSO, M. Rezende. Adolescência e violência: uma questão de “fronteiras”? In: CARDOSO, M. Rezende (org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.
- FIGUEIRA, S. A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, S. A. (org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1973.

MAIA, M. S. *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2004.

MAYER, H. *Adicciones: un mal de la posmodernidad. Teoría, clínica, abordajes*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1997.

_____. Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In: CARDOSO, M. Rezende (org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.

PALMADE, J. Pós-modernidade e fragilidade identitária. In: GARCIA de Araújo, J. N. & CARRETEIRO, T. C. (orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta/Belo Horizonte: Fumec, 2001.

ROUCHY, J. C. Identificação e grupos de pertencimento. In: GARCIA de Araújo, J. N. & CARRETEIRO, T. C. (orgs.). *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta/Belo Horizonte: Fumec, 2001.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, G. *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

_____. Destino e violência. In: *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

_____. Parentesco, individualismo e acusações. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004a.

_____. Cultura de classe média: reflexões sobre a noção de projeto. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.

Resumos

Este artículo tiene por objetivo estudiar un significativo aspecto de la clínica psicoanalítica actual: el aumento del pasaje al acto entre sujetos adolescentes. El foco

principal de este análisis es la confluencia de esta problemática con ciertos trazos de la organización familiar contemporánea. Este estudio sirve como base para una reflexión sobre la situación de desamparo propia de la adolescencia. La noción de transmisión psíquica articula los principales elementos envueltos en la cuestión central que orienta este trabajo.

Palabras claves: Pasaje al acto, adolescencia, desamparo, familia

L'objectif de cet article est d'étudier une importante problématique de la clinique psychanalytique actuelle: l'accroissement du phénomène des passages à l'acte chez les sujets adolescents. La présente analyse porte avant tout sur la confluence de cette problématique avec certains traits de l'organisation familiale contemporaine. Cette étude sert comme base à une réflexion sur la situation de détresse propre à l'adolescence. La notion de transmission psychique articule les principaux éléments impliqués dans la question qui oriente ce travail-ci.

Mots clés: Passage à l'acte, adolescence, détresse, famille

This article discusses an important aspect of today's psychoanalytic clinical work, namely, an increase in the phenomenon of acting-out among adolescent subjects. The main focus of this analysis is the confluence of this problem with certain features of the contemporary organization of the family. The notion of psychic transmission articulates the main elements involved in the central issue involved in this article.

Key words: Acting-out, adolescence, helplessness, family